

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Cultura visual na sala de aula

Luana da Silva Lima
educacao@museudafotografia.com.br

O avanço das tecnologias e da produção de imagens exigem novas formas de leitura para compreender os signos que permeiam nosso cotidiano. Mas, como isso impacta a educação contemporânea? Vivemos em uma sociedade altamente comunicativa, porém, marcada pelo uso excessivo do *smartphone*, que intensifica o consumo de conteúdos visuais sem filtragem. Nesse cenário, diferentes públicos tornam-se vulneráveis à disseminação de *fake news* e às produções de Inteligência Artificial.

Esse fenômeno atinge a educação, pois a circulação acrítica de mensagens, sem análise de contexto ou verificação de fontes, fragiliza ainda mais a aprendizagem. A simples visualização de imagens, quando não acompanhada de reflexão, amplia a desinformação e cria obstáculos para estudantes, que enfrentam dificuldades em avaliar a veracidade do que consomem.

Diante disso, torna-se urgente inserir o estudo da cultura visual desde

a Educação Básica, já que a sociedade contemporânea é atravessada pelo acesso massivo às imagens. Como afirma Raimundo Martins, em “Educação da cultura visual: conceitos e contextos”, a cultura visual busca transformar a forma como compreendemos os fenômenos visuais, levando-nos a refletir sobre os usos que fazemos das imagens e artefatos. Trabalhar criticamente essa experiência desde a infância contribui para evitar problemas na vida adulta, como a vulnerabilidade a golpes e a adesão a discursos de ódio.

Ainda segundo Raimundo Martins, nossas identidades, sentidos de ser e pertencer são reconfigurados através das imagens e como as relações com as visualidades contemporâneas podem impulsionar novas maneiras de propor o ensino. Por isso precisamos refletir e analisar de forma minuciosa o que estamos visualizando, que tipo de leitura temos do mundo e de nós mesmos, essas práticas reflexivas tornam-se possíveis através da educação, para reduzir a deturpação da informação com o senso crítico.

Não é bug, é etarismo

Flávia Chagas
psflaviachagas@gmail.com

Vivemos a era da inovação acelerada, da estética eterna e da produtividade sem pausa. Nessa equação, ser mulher e envelhecer parece um risco de obsolescência. Não pela falta de capacidade, mas por um sistema que ainda insiste em nos medir por aparências e cronogramas alheios.

Envelhecer sendo mulher é um ato de resistência. No mercado de trabalho, o etarismo se infiltra nos olhares que ignoram, nas vagas que exigem “perfil jovem” e nas tecnologias que evoluem como se todas tivéssemos tempo, recursos e suporte para acompanhar o ritmo frenético.

A Inteligência Artificial, embora revolucionária, vem carregada dos mesmos preconceitos de quem a programa. Algoritmos filtram currículos, descartam candidatas experientes e perpetuam estereótipos que associam juventude à inovação e maturidade à obsolescência. É um apagamento silencioso: você não vê, mas sente. E dói.

Como psicóloga, escuto mulheres brilhantes duvidando de si, sentindo que

precisam “rejuvenescer” seus discursos para seguir relevantes. Como economista, observo o desperdício de capital humano qualificado. Mulheres com décadas de trajetória sendo empurradas para fora da cena por uma combinação de viés etário e automatização excludente.

Enquanto a IA promete eficiência, precisamos garantir equidade. Tecnologia sem consciência apenas reforça desigualdades. A experiência não é um problema a ser contornado, mas uma vantagem a ser valorizada. Algoritmos aprendem rápido, mas sabedoria se constrói vivendo, e nisso, nós temos vantagem.

Não queremos voltar no tempo, mas também não vamos aceitar sermos deixadas para trás. Porque o futuro precisa de diversidade geracional. E de mulheres como nós, que sabem de onde vêm, entendem o agora e têm muito a entregar, com coragem, visão e maturidade.

Precisamos ressignificar o envelhecer como um processo natural, potente e digno. Dar espaço para mulheres maduras liderarem, inovarem, inspirarem. O mundo do trabalho só tem a ganhar com isso. Afinal, experiência não tem prazo de validade.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A paciente

Israel Cunha
Aluno da escola Valdemar Rocha, em Uruoca-CE

Era 3 de outubro de 2020. A pandemia ainda mantinha Ana em sua casa. 23 anos, trancada em casa, ela passava grande parte dos seus dias sentada em uma poltrona, situação que perdurava dois meses. Ao bater das 23:00, um som que não se ouvia há muito tempo é emitido do quarto.

O telefonema pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguia parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim, e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto.

- Você está sozinha? - Sussurrou uma voz masculina arfante.

O coração de Ana disparou. A respiração pesada do outro lado não cessava.

- Quem é você? - Perguntou, trêmula.

O silêncio foi interrompido apenas por um grito:

- Tente acordar!

O telefone caiu da sua mão. Tonta, sentindo o corpo formigar, Ana desmaiou antes de chegar na cozinha.

Quando abriu os olhos, estava deitada em uma cama fria de hospital, com uma máscara de oxigênio no rosto. Na porta, lia-se: “Paciente em coma”. Assustada, encontra sua ficha médica: “Ana, internada desde 2004”.

Ela saiu pelos corredores desertos. As luzes da cidade estavam apagadas. No computador da recepção, um único registro: “Todos os pacientes foram transferidos. Instituição encerrada”.

Ana finalmente percebeu: por 16 anos, acreditara estar em casa, mas nunca havia saído do hospital.

A única pergunta que lhe restou foi: quem teria cuidado dela por todo esse tempo?

Observação: O segundo parágrafo pertence ao conto “Os ventos”, de Heloisa Seixas.



Romper o silêncio

Mara Teles
Pedagoga, especialista em Língua Portuguesa, escritora e poetisa

Falar sobre suicídio ainda é tabu — e justamente por isso, é urgente. O silêncio pode ser tão perigoso quanto o sofrimento não reconhecido. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o suicídio está entre as principais causas de morte entre jovens e adultos. A boa notícia é que, em muitos casos, ele pode ser prevenido.

Prevenir não é só evitar um ato extremo. É criar pontes de cuidado, cultivar escuta e fortalecer vínculos. A escuta ativa, por exemplo, não exige formação técnica — apenas presença genuína. Ouvir com empatia é não interromper, não minimizar o sofrimento, validar sentimentos e evitar julgamentos.

“A escuta ativa, sem julgamentos, pode ser o primeiro passo para salvar uma vida”, afirma a cartilha do Ministério da Saúde (2024). Às vezes, o que alguém mais precisa é ser ouvido com atenção e respeito.

A forma como o suicídio é retratado na mídia também influencia comportamentos. A OMS recomenda evitar detalhes sobre métodos, não romantizar o ato e divulgar histórias de superação e canais de ajuda.

A Lei nº 13.819/2019 criou a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Ela prevê ações de conscientização e canais como o Centro de Valorização da Vida (CVV) - Ligue 188. Mas estudos da USP apontam que ainda há limitações. É preciso investir em ações comunitárias, fortalecimento dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), educação emocional nas escolas e formação continuada de profissionais.

A rede de apoio pode incluir familiares, amigos, professores, profissionais da saúde e líderes comunitários. O importante é que a pessoa em sofrimento saiba que não está sozinha.

Prevenir o suicídio é um compromisso coletivo. Que este texto seja um convite à empatia, à escuta e à esperança.

A ligação

Thayla Maria
Aluna da escola Valdemar Rocha, em Uruoca-CE

O telefonema pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos ao livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguiu parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim, e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto.

- Alô? - falou com tom desinteressado. Ninguém falou nada. Apenas silêncio. Desligou, imaginando ser engano ou trote. Seu dia fora longo, e, por ser médica, havia passado horas em um plantão exaustivo. Aquele instante de leitura era o único refúgio em meio ao caos.

Já passava das vinte e duas horas quando a campainha tocou. Levantou-se, hesitante. Não esperava visitas. Ao abrir a porta, viu ninguém. Apenas uma carta cuidadosamente deixada no chão.

Pegou-a com receio. O envelope era idêntico ao que usava em sua clínica particular. Seu coração disparou. As mãos tremiam ao rasgar o lacre. Dentro, uma caligrafia precisa:

“Hoje seu dia foi exaustivo, não é? Espero que tenha notado seu cansaço. Deveria estar calçada com sapatos confortáveis, não tênis branco com pequenos pontos de lama. Cada detalhe é inesquecível para quem observa.”

Ela engoliu em seco. Olhou para os próprios pés. O choque percorreu-lhe a espinha. De súbito, outra batida ecoou pela casa. Não na porta, mas na janela dos fundos. Uma nova onda de medo percorreu-lhe o corpo.

Sem coragem de se mover, permaneceu imóvel, com a carta ainda nas mãos. Então, o telefone voltou a tocar. Aterrorizada, aproximou-se devagar levando o aparelho ao ouvido. Uma voz baixa, quase sussurrada, disse apenas:

- Gostou da leitura, doutora?

O silêncio seguinte foi ensurdecedor.

Observação: O primeiro parágrafo pertence ao conto “Os ventos”, de Heloisa Seixas.



Quando abriu os olhos, estava deitada em uma cama fria de hospital, com uma máscara de oxigênio no rosto.



Aquele instante de leitura era o único refúgio em meio ao caos.